

A emissora de televisão, ao produzir uma novela cujo elenco, cenários e figurinos seriam basicamente os mesmos até o seu término, ou ao comprar uma série de enlatados, tinha a sua programação resolvida por um considerável espaço de tempo, não precisando se preocupar de imediato com o que transmitir num determinado horário. Isto representava, enfim, um alívio.

Apesar de tudo, Benjamin Cattán procurava manter a tradição dos grandes espetáculos, agora nem sempre bem realizados em face do desgaste geral, das limitações impostas pela nova programação da emissora e mesmo da censura, que prendia por meses um espetáculo, antes de o liberar, obrigando produtor e atores a improvisarem às vésperas de sua transmissão qualquer outra telepeça.

Entre os espetáculos apresentados em 1967, estavam:

- A Vida de Van Gogh, adaptação de Teixeira Filho, com Rildo Gonçalves, Ana Maria Dias, Wilson Fragoso, Maria Luísa Castelli, Serafim Gonzalez, Telai Perez e João Monteiro (14.1.1967);
- Terra de Cegos, de Lauro César Muniz, com Rildo Gonçalves, Marisa Sanches, Augusto Machado de Campos Neto, Rui Rezende e Serafim Gonzalez (28.1.1967);
- Fim de Jornada, de Robert Cedrik Sherriff, com Wilson Fragoso, João Francisco Monteiro, Geraldo Ramos e Serafim Gonzalez (18.2.1967).

(72) Depoimento de Benjamin Cattán ao IDART, São Paulo, 29 de agosto de 1977.

Lutando cada vez mais com dificuldades, o TV de Vanguarda logrou permanecer em cartaz por alguns meses ainda. A Alma Boa de Sé-Tsuan, de Bertold Brecht, já encenada anteriormente, foi seu último espetáculo (novembro de 1967). Alguns dias depois, enquanto preparava o texto que deveria ir ao ar na quinzena seguinte, Benjamin Cattán recebeu uma cópia de memorando, comunicando laconicamente que, a partir daquela data, o TV de Vanguarda deixara de existir.

Rememorando em depoimento a fase final do programa e a crise definitiva que determinou o seu desaparecimento, assim resumiu a situação Benjamin Cattán:

“As Associadas sempre foram muito dissociadas. Acontecia uma coisa incrível. A programação de uma Associada, vamos supor, da Bahia, era comprada de concorrentes e não tinha programação da Tupi de São Paulo, nem da Tupi do Rio de Janeiro. Então, indiretamente, as Associadas, fora de São Paulo e Rio de Janeiro, estavam alimentando os outros canais de televisão. Quer dizer, sustentavam o inimigo. Então, resolveu-se unir tudo (...) E São Paulo ficou com uma parte de novelas, teatro, noticiários, uma coisa assim. E o Rio de Janeiro ficou, como sempre, com o que se faz muito melhor lá: shows, musicais e humorismo (...)

A produção Rio-São Paulo tornou-se obrigatória para todos os canais associados do Brasil. Logicamente, cada programa tinha um certo custo. (...) Vamos dizer que um programa custasse dez milhões: dividia-se esse preço em dezesseis fatias não iguais porque tinham televisões mais pobres, e outras mais ricas. Era em relação ao seu próprio faturamento. (...)

E o meu TV de Vanguarda começou a ser também distribuído pelo Brasil todo, através das Associadas. Depois de algum tempo, algumas estações associadas, principalmente do nordeste, não conseguiam mais vender o programa. (...) E não conseguindo vender o programa passaram a se recusar a pagar as suas parcelas. Isso criou um impasse. (...) Havia um acordo para que isso não acontecesse, isto é, todos pagassem. No momento em que houve recusa, (...) o programa foi suspenso, sem se atentar para o fato de que ele se pagaria só em São Paulo, como sempre acontecera, sem dar prejuízo. Isso aconteceu com todos os programas de teleteatro que acabaram sendo suspensos porque prejudicavam uma nova política econômica que estava sendo implantada nas Associadas.” (72)

Em seus quinze anos de existência, o TV de Vanguarda apresentou cerca de quatrocentos espetáculos, através dos quais levara ao público os maiores nomes da literatura e dramaturgia mundial de todos os tempos. Com o seu desaparecimento encerravam-se os anos de ouro do teleteatro no Brasil.